

A Proclamação do Evangelho

Karl Barth

Editora Novo Século
Tradução: Eduardo Galasso de Faria e Moysés Campos Aguiar Netto
Reconstituído pelo Pastor A. Roulin de acordo com anotações de estudante.
Centro Acadêmico "Eduardo Carlos Pereira"
São Paulo - 1963

Esboço

INTRODUÇÃO 2
I – DEFINIÇÕES FUNDAMENTAIS DA PREGAÇÃO 3
II – CARACTERES ESSENCIAIS DA PREGAÇÃO 5
A PREGAÇÃO DEVE SER CONFORME A REVELAÇÃO 5
CARÁTER ECLESIÁSTICO DA PREGAÇÃO 10
FIDELIDADE DOUTRINÁRIA DA PREGAÇÃO 14
FIDELIDADE APOSTÓLICA DA PREGAÇÃO 16
O CARÁTER PROVISÓRIO DA PREGAÇÃO 20
O CARÁTER BÍBLICO DA PREGAÇÃO 22
ORIGINALIDADE DA PREGAÇÃO 26
A PREGAÇÃO DEVE SER ADAPTADA À COMUNIDADE 28
INSPIRAÇÃO DA PREGAÇÃO 30
III – PREPARAÇÃO DA PREGAÇÃO 30
ESCOLHA DO TEXTO 30
A PREPARAÇÃO PROPRIAMENTE DITA: 32

INTRODUÇÃO

Um certo número de trabalhos meus não foram publicados ainda, mesmo em Alemão. Eles têm, contudo, chegado ocasionalmente ao conhecimento de círculos privados. Entre eles se encontra um curso que eu dei há algum tempo – o momento e o lugar não me ocorrem ao espírito – sobre este tema: "o sermão e o modo de prepará-lo".

Como se vê, eu me permiti fazer uma incursão no domínio da teologia prática. Se este trabalho cair em suas mãos, os mestres dessa disciplina deverão perdoar-me a liberdade que tomei, e julgar este trabalho com indulgência.

No que concerne aos elementos dogmáticos, neste cursinho, deve-se recordar que na época em que ele foi dado, eu era ainda relativamente jovem. Depois eu envelheci e aumentei também, talvez, algo em sabedoria, pelo menos eu espero. De qualquer maneira, do ponto de vista dogmático, eu não tenho nada de importante a retomar; e, para o que é do texto apresentado neste caderno, eu não desejo absolutamente mudar nada.

Por outro lado, quem conhece a bela e límpida tradução francesa que Fernando Ryser fez de minha "Dogmatique" se aperceberá imediatamente que eu digo ali as mesmas coisas que em outras ocasiões, fundamentando e formulando um pouco diferentemente.

Aqui trata-se, antes de tudo, de algumas regras e sugestões de ordem prática que eu tenho, ainda hoje, como essenciais e dignas de serem meditadas, ou pelo menos de serem lidas com atenção, de serem discutidas. Eu não recuso a ninguém o direito de criticar.

Pode ser interessante para um jovem teólogo comparar algumas de minhas pregações, por exemplo, as da série "Liberdade para os cativos" ou simplesmente os três planos que apresento neste caderno – com os princípios desenvolvidos aqui – e ver em que medida eu permaneci fiel.

Karl Barth

Basiléia, maio de 1961.

I – DEFINIÇÕES FUNDAMENTAIS DA PREGAÇÃO

Este assunto é o desenvolvimento das duas definições seguintes:

1. A pregação é a Palavra de Deus pronunciada por Ele mesmo.

Deus utiliza como lhe apraz o serviço de um homem que fala em Seu Nome a seus contemporâneos, por meio de um texto bíblico. Este homem obedece assim a vocação que recebeu na Igreja e, por este ministério, à Igreja se conforma a sua missão.

2. A pregação resulta da ordem dada à Igreja de servir a Palavra de Deus, por meio de um homem chamado para esta tarefa.

Trata-se para este homem de anunciar a seus contemporâneos o que ele tem a entender do próprio Deus, explicando, em um discurso em que o pregador exprime livremente, um texto bíblico que lhes concerne pessoalmente.

Por que estas duas preposições? Porque o ato da pregação apresenta um duplo aspecto: Palavra de Deus e palavra humana.

Se nós desejamos definir teologicamente o que se passa quando o homem prega, nós não podemos fazer outra coisa senão dar indicações, colocar pontos de reparo. Para além da reflexão humana, somos enviados a Deus que diz a primeira e última palavra. Deus não pode ser encerrado em qualquer conceito: Ele vive e age em Sua autoridade soberana.

O teólogo deve percorrer dois caminhos: o do pensamento ascendente e o do descendente. Assim fazendo, ele não pode realizar sua missão de anunciados da Palavra de Deus senão de uma maneira fragmentária e imperfeita. Mas se ele executa corretamente esta tarefa, ele está seguro de fazer o que tem a fazer, e o que deve fazer.

Seu discurso é livre, pessoal. Não é nem uma leitura nem uma exegese. Ele diz a Palavra que ele entendeu no texto da Escritura tal como ele a recebeu para si mesmo. Sua missão, como pregador, é semelhante – de algum modo – à dos apóstolos. Ele também tem – num outro plano – uma função profética.

A tentativa de servir a Palavra de Deus, de a anunciar, é ordenada à Igreja. O termo que convém aqui para explicar a situação é *Ankündigung* (anúncio de um acontecimento por se realizar), mais que *Verkündigung* (anúncio do que é). Deus vai fazer-se entender; é Ele que fala, não o homem. Este último vai somente anunciar (*Ankündigen*) que Deus vai dizer alguma coisa. Nesta palavra *Ankündigung* não está incluída, contudo, a idéia de apelo a uma decisão da parte daquele que escuta. Esta decisão, que tem lugar unicamente entre o homem e Deus, não é um elemento constitutivo da pregação.

Isso não exclui de maneira alguma a possibilidade para a pregação, de ser um apelo. De fato, para dizer as coisas exatamente, ela é um apelo endereçado à Igreja dos fiéis. Mas a decisão depende da graça divina – o melhor desse mistério que é a relação do face-a-face, homem-Deus. O pregador deve saber que esta decisão não depende dele. Acrescentemos que o conceito de pregação não poderia encontrar um fundamento

qualquer na experiência. É um conceito teológico, repousando sobre a fé somente. Já afirmamos; não há senão um sentimento: indicar a verdade divina. Não se pode deixar de ir além do seu caráter de conceito para tomar uma forma tangível.

II – CARACTERES ESSENCIAIS DA PREGAÇÃO

A pregação deve ser conforme a Revelação

Vejamos, em primeiro lugar, o aspecto negativo desta afirmação. Isto significa: o papel do pregador não consiste em revelar Deus ou Lhe servir de mediador. O evento da pregação é o Deus *loquitur*; não é então questão, para nós, de revelar o que quer que seja, nem de uma revelação que passaria por nós, através de nós.

Devemos, e todas as circunstâncias, respeitar o fato de que o próprio Deus se revelou (epifania), e que Ele se revelará (parousia). Tudo o que se passa na pregação – que se situa entre a primeira e a segunda vinda – é a ação do próprio sujeito divino. A revelação é um círculo fechado em que Deus é o sujeito, o objeto e o termo médio.

Resultam então como conseqüências práticas:

a) A pregação não pode pretender a transmissão da verdade de Deus. Ela não pode ter por finalidade provar Deus por uma demonstração intelectual, expondo mais ou menos longamente certas teorias. Não há outra prova de Deus que aquela que o próprio Deus traz. Nós não temos que expor a verdade de Deus sob uma forma estética usando imagens inúteis ou apresentando Jesus Cristo através de efusões sentimentais.

Quando Paulo diz aos Gálatas que ele colocou diante de seus olhos Jesus crucificado, ele não faz alusão a discursos nos quais teria usado artifícios estéticos para tocar a imaginação de seus ouvintes. Para ele, descrever Jesus Cristo é anunciar sem floreio. Nós estamos sob o mandamento: "não farás nenhuma imagem, nem semelhança". Desde que Deus deve Ele mesmo dizer Sua verdade, Sua Palavra, é proibido ao pregador imiscuir-se nessa Palavra com sua arte e sua ciência. Deste ponto

de vista, a figura de Cristo na arte, o crucifixo, na Igreja, assim como a apresentação de imagens espirituais de Deus, tornam-se problemáticas.

b) O pregador não deve procurar estabelecer a realidade de Deus. Sua tarefa é construir o Reino de Deus. Ele deve conduzir a uma decisão. Sua mensagem deve ser autêntica e comunicar alguma coisa viva. Ele deve por a nu a situação do homem e o colocar assim diante de Deus. Contudo, ele ultrapassa já seus limites desde que essa confrontação com Deus é concebida (*Kierkegaard*) como uma "doença que leva à morte". Certamente, esta expressão supõe coisas que estão implícitas na pregação, mas ela concerne à ação de Deus. Que o homem não intervenha no que não é de sua alçada.

Se se pretende que o homem deve se converter, fazer compartilhar sua fé por aquele a quem ele se dirige, isso não deve ser entendido senão neste sentido: ter consciência do que se produz por ocasião de seu testemunho. Crer, para o pregador, é olhar para Cristo de tal forma, que perante a assembléia não dê a entender que ele dispõe de Cristo e do Espírito, e que é ele que tem a iniciativa do que está sendo feito. Deus não é um Deus ocioso: é Ele que é o autor da obra que se realiza. Nós não podemos agir senão em obediência à nossa tarefa, e não como pessoas que se teriam dado a si mesmas seu programa e seu objetivo.

Nossa pregação não é qualitativamente diferente da dos profetas e dos apóstolos que "viram e tocaram", mas ela difere pelo fato de que se produz em um outro momento histórico. Os profetas e os apóstolos se situam no momento da revelação histórica cujo documento é a Escritura. Nós damos testemunho da Revelação.

Mas se Deus fala servindo-se de nossa palavra, então, na realidade, se cumpre este evento: os profetas e os apóstolos estão aí, mesmo se é um simples pastor que fala. Entretanto, devemos ignorar este papel e não nos engrandecer como profetas; se Cristo se digna fazer-se presente por ocasião da nossa palavra, é precisamente porque há nela um ato do próprio Deus, não de nós. O fato de que as coisas se passam assim, tira das mãos do pregador todas as pretensões a um programa imaginado por ele. Assim, toda iniciativa autônoma tanto para um fim teórico – vir com um tema, um assunto – como para um fim prático – levar os ouvintes a uma determinada atitude – uma tal tentativa não seria outra coisa que um atentado ao que o próprio Deus deseja fazer na pregação. Se o pregador se

dá por tarefa expor uma idéia sob uma forma qualquer – mesmo se esta idéia resulta de uma exegese séria e adequada – então não é a Escritura que fala, mas fala-se sobre ela. Para ser positivo, a pregação deve ser uma explicação da Escritura. Eu não tenho que falar "sobre", mas "de", tirando da Escritura o que eu digo. Eu não tenho que dizer, mas que redizer. Para que só Deus fale, nenhum tema, nenhum objetivo tirado de minha própria natureza deve intervir. Talvez eu tivesse que me perguntar se não me deixei influenciar por alguma idéia própria ou se não tive a impressão de chegar a uma unidade que só Deus poderia criar. Como quer que seja, sigamos o movimento particular do texto, detenhamo-nos aí, e não nos coloquemos questões sobre um tema que poderia, ao que nos parece, se desprender do texto.

Em relação ao que acabamos de dizer, a escolha do texto pode representar um perigo, no sentido de que se escolhe um texto relacionado com o assunto que se gostaria de tratar: recorrer à Bíblia para extrair alguma coisa que iria bem com os meus pensamentos! É já suficientemente perigoso ter que falar com um texto particular a uma comunidade particular, e numa situação concreta. Pode ser que nessa situação concreta, Deus fale e realize um milagre. Todavia nós não devemos integrar antecipadamente o milagre em nossa pregação, pois de outra forma, seria fácil para o pregador tornar-se um papa que se permitiria apresentar, em sua comunidade, suas idéias pessoais como sendo Palavra de Deus.

Vejamos agora o aspecto positivo desta afirmação: a pregação deve ser conforme a Revelação. Devemos partir do fato de que o próprio Deus deseja revelar-se; é Ele que deseja testemunhar sua Revelação; é Ele que a realizou e que a deseja realizar. Assim, a pregação tem lugar na obediência, escutando a vontade de Deus. Eis aí o evento no qual o pregador se acha engajado, que faz parte de sua vida e que comanda sua pregação, tanto no seu conteúdo como em sua forma. A pregação não um ato neutro nem uma ação entre dois parceiros. Ela não pode ser senão soberania da parte de Deus, obediência da parte do homem.

Somente quando a pregação é dirigida por esta relação, é que ela pode ser encarada como *Kerigma*, isto é, como uma nova anunciada por um arauto, que cumpre assim sua tarefa. Então, o pregador é todo-poderoso. Mas, para ser todo-poderoso, ele tem necessidade da onipotência de quem o enviou. O *Kerigma* significa então: vir da epifania de Cristo para ir em direção ao Dia do Senhor. Assim, é neste duplo

movimento: "Deus se revelou", "Deus se revelará", que consiste a pregação neo-testamentária.

O que dissemos até aqui implica nas seguintes conseqüências:

a) A pregação tem um ponto de partida absoluto: Deus revelou-se. Isto significa: a Palavra se fez carne. Deus assumiu a natureza humana. Em Cristo Ele se apropriou do homem caído. O homem perdido é chamado ao lar. A morte de Cristo é a última palavra desta encarnação. Nele, a nossa falta e o nosso castigo são afastados, suprimidos. Nele, o homem se tornou um redimido, de uma vez por todas. Nele, Deus se reconciliou conosco. Crer é ver, saber, reconhecer que isto é assim.

Então, se a pregação é dominada por este ponto de partida, ela não pode ser concebida em uma outra atitude senão a do homem que recebe. O pregador sabe, sem contestação possível, que tudo é recolocado em ordem pelo próprio Deus. Contudo, ele é sempre espreitado pela tentação de anunciar o pecado do homem, ou de aprofundar suas idéias errôneas.

É verdade que é preciso falar do pecado e dos erros humanos, mas é preciso fazê-lo mostrando o pecado anulado e o erro destruído. Porque, ou bem é verdade que o homem está perdoado, ou bem ele não tem perdão totalmente. Não de pode falar do pecado senão como sendo levado pelo Cordeiro de Deus.

Da mesma forma, a pregação na qual o Evangelho é separado da Lei, não é cristã. Como anunciar o Evangelho, sem entender também a Lei, esquecendo o "tu deves temer e amar a Deus"? Este perigo é sobretudo sensível no Calvinismo.

Por outro lado, da primeira à última frase, a pregação é conduzida por um movimento. Não se trata da convicção, da seriedade ou do entusiasmo do pregador. A pregação recebe este movimento, partindo do fato: "a Palavra se fez Carne", e deixando-se guiar constantemente por ele.

Se observasse essa regra, muitas introduções se tornariam inúteis. O movimento não consiste em ir na direção dos homens, mas sim em Cristo vir ao seu encontro. Assim, a pregação tem um movimento descendente, nunca ela deve tender a procurar qualquer ápice. Já não foi tudo cumprido?

b) Dissemos acima que a pregação tem um ponto de partida único, a saber, que Deus se revelou. É preciso dizer também, que ela tem, da

mesma forma, um único ponto de chegada: o cumprimento da revelação, da redenção que vem a nosso encontro. De uma extremidade a outra, o Novo Testamento tende para o cumprimento da salvação. Mas isso não contradiz o "tudo foi cumprido de uma vez por todas".

O Cristo que veio, é também aquele que voltará. A vida da fé é orientada para este dia da *Parousia*. Este ponto de partida e este ponto de chegada se resumem nesta declaração: "Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente". E, dado que nós esperamos tudo de Cristo, pode-se dizer que cristologia e escatologia não são senão uma só coisa. Assim, a revelação está tanto na frente como atrás de nós.

Resulta daí que a pregação se situa em um clima de espera. Não se instala confortavelmente na fé, na salvação, como se a graça divina manifestada no passado nos permitisse tranqüilamente. Há uma certeza profunda e jubilosa, uma segurança, mas há também a preocupação grave e séria daquele que quer vê-la, porque o cumprimento deve vir. A pregação – como toda a vida cristã – se desenrola entre o primeiro e o segundo Advento.

Nós marchamos pela fé, não pela visão (II Coríntios 5.7). Se vivêssemos já pela visão, não teríamos nada que esperar. Não haveria ontem e amanhã. Mas vivemos pela fé, isto é, viemos de Cristo e vamos para Cristo. Paz e alegria nos dois lados, mas nesta marcha vai-se de riqueza em despojamento, e de despojamento em nova riqueza. A pregação deve expor esta marcha na fé, o que quer dizer que a certeza confiante não é cristã se ela não é atravessada pela sede de uma salvação futura realizada em Cristo na plenitude. Cristo veio, Cristo virá; nós esperamos seu dia, está é a palavra de ordem. "A Palavra se fez Carne", tem por corolário: "Amém, ora vem Senhor Jesus".

A tendência do luteranismo é deter-se no que está atrás de nós, e por isso sua pregação corre sempre o risco de ser desviada para o dogmatismo e para a experiência religiosa. Portanto, Filipenses 3 se relaciona com Filipenses 2: depois de ter mostrado nossa vocação cristã, o apóstolo declara: "não que eu já tenha alcançado, mas corro...". Há movimento na tranqüilidade da fé. A proclamação deve proclamar com certeza que "tudo está cumprido", mas também que "tudo deve ser mudado". Nós aguardamos um novo céu e uma nova terra. Sim, nós o sabemos, nós estamos reconciliados com Deus, mas somos as hostes que esperam o cumprimento do "eis que faço novas todas as coisas". É por isso que a

pregação é inteiramente levada pela esperança. O "agora" cristão não é outra coisa senão a passagem do ontem para o amanhã, da Epifania para a Parousia. Nesta perspectiva, nós somos um povo que marcha na noite, mas vemos uma grande luz. "A noite está alta, o dia se aproxima". Não se pode esquecer estes dois pontos de ligação para que a mensagem seja conforme a Revelação.

Caráter Eclesiástico da Pregação

É no meio chamado Igreja que a pregação tem lugar. Ela está ligada à existência e à missão da Igreja. É precisamente por esta razão que ela deve ser conforme a Revelação. É preciso relembrar que esta se situa no quadro do Antigo e do Novo Testamento. Trata-se então de um evento particular, completo, ocupando um tempo determinado na história, e não de um fato de caráter geral podendo reproduzir-se em todos os tempos e em todos os lugares. Por conseguinte a pregação não fala de coisas resultantes da existência humana em seu estado natural e suas determinações históricas. Ela não se inspira em qualquer filosofia ou concepção do mundo e da vida, mas unicamente neste evento particular, dom de Deus em meio à história.

Ressaltemos agora que, na pregação, não se trata de um esforço do homem para ajuntar alguma coisa à Revelação. Não somos nós que provocamos o movimento que vai da primeira à segunda vinda: é unicamente graça e obra de Deus. É Deus que vem na direção dos homens, não os homens que se elevam por seus próprios meios para conquistar o que Deus lhe destina. Assim, nossa tarefa se resume nisso: pensar o evento único, dom da graça de Deus. Se reconhecemos a impossibilidade em que estamos de fazer outra coisa, então constatamos que não podemos escolher, por razões filosóficas, políticas ou estéticas, o terreno da pregação. Não há senão um, imposto pela força das coisas, o da Igreja.

Aí existe uma relação que é anterior a tudo que conhecemos sobre esta terra em questão de relações (família, sociedade, povo, raça). Essa relação tem um caráter totalmente diverso ao da ordem da criação. Na Igreja, onde ribomba a Palavra de reconciliação, todas as outras relações aparecem como eivadas de impurezas, como contaminadas, mergulhadas na esfera da queda e, como tais, caindo sob o golpe do julgamento. Mas

esta mesma Palavra nos diz, também, que o mal está curado, e que todo o peso das conseqüências do pecado está retirado. Aliás, na Palavra da reconciliação, há também a mensagem da criação.

Desde que ela é conforme o que Deus nos revelou, a pregação cria a reconciliação. Onde os homens recebem esta Palavra, aí está a Igreja, a reunião dos que foram chamados pelo Senhor. É somente sobre o terreno da revelação que se pode legitimamente pregar, e, de maneira alguma, o fundamento de uma reflexão sobre o homem e o cosmos. É somente porque ribomba este apelo, e porque os homens podem entendê-lo, que há uma Igreja. Assim, o caráter eclesiástico da pregação decorre da conformidade à Revelação.

Convém esclarecer o que precede, ressaltando dois pontos. A Igreja autêntica é caracterizada pelo fato "*Evangelium pure docetur et recta administrantur sacramenta*" (Confissão de Augsburgo, VII). Estes dois conceitos, sacramentos e pregação do Evangelho tornam claro o liame entre a Igreja e o caráter de conformidade à Revelação.

Falemos em primeiro lugar do sacramento, que é rico de significação. Porque não se pode saber o que é a pregação, sem se saber o que é sacramento. Não há pregação no sentido exato do termo, senão onde o sacramento a acompanha e a esclarece. O que acontece com o sacramento? O sinal visível remete ao evento da Revelação que funda a Igreja e constitui a promessa, o que não é o caso para a pregação ou qualquer outro ato eclesiástico. Porque o sacramento não é só uma palavra, é um ato material e visivelmente realizado.

O Batismo confirma o fato de que o homem pertence à Igreja. É com o Batismo, não com o nascimento, que a vida começa. Ser batizado significa: esta relação entre a Revelação e o homem, que se realiza em uma situação bem determinada, é estabelecida (Romanos 6.3). E o Batismo se caracteriza pelo mesmo evento, mas dirigido para o futuro que é esperado por nós (I Coríntios 11.26). Então a pregação é dada nesta Igreja onde se realizam o sacramento da graça e o da esperança, cada um, por sua vez, sendo os dois ao mesmo tempo: pois que, sacramento e pregação não podem ter sentido, um e o outro, senão na Igreja. Cada um se legitima por sua relação com o outro. Na realidade, a pregação tira a sua substância do sacramento, que é uma referência, em ato, ao evento da Revelação. Ela é comentário e interpretação do sacramento; ela tem o mesmo sentido que ele, mas em palavras. Se se reconhece que é realmente assim, compreende-

se que a pregação não é possível, senão sobre o campo da Igreja, no lugar onde, no Batismo e na Ceia, o homem está determinado pelo próprio Deus a pertencer ao Corpo de Cristo, a ser nutrido e saciado no curso de sua viagem para a vida eterna. E devemos saber que todos os homens que, ouvindo, são batizados, são chamados a participar da graça, e que o que começou assim para eles, encontrará sua realização.

Assim, por esta referência ao Batismo e à Ceia, a origem e o fim da pregação, assim como o caminho que ela percorre, tomam um aspecto mais concreto. Vê-se melhor o lugar do mensageiro da Palavra.

Depois dessas considerações de ordem teórica, vejamos agora como as coisas se passam na Igreja Evangélica. Vê-se, numa primeira tentativa, aparecer um déficit. Na transição da Reforma, a Igreja Sacramental de Roma foi substituída por uma Igreja da Palavra. Imediatamente, a pregação se tornou o centro de gravidade, tendo a celebração do sacramento um caráter mais restrito. E hoje, que vemos? De um lado, a Igreja Romana, Igreja do Sacramento, na qual a pregação é, por assim dizer, sem importância; de outro, a Igreja Evangélica, na qual há também o Sacramento, mas que não faz parte integrante e obrigatória do culto. As duas posições são uma espécie de destruição da Igreja. O que pode realmente significar uma pregação que sobressai, em detrimento do Sacramento, uma pregação que não remete ao Sacramento que ela deve interpretar? Nós não vivemos do que o pastor sabe dizer, mas do fato de que somos batizados, do fato de que Deus nos chamou. Tem-se então reconhecido esta lacuna dos nossos dias, e ensaia-se supri-la por todos os meios (renovação da liturgia, enriquecimento do culto pela música, etc.). Mas esses paliativos estão desde o início fadados ao fracasso, porque estão fora do verdadeiro problema.

Nos círculos que preconizam estes métodos de renovação do culto, fundamentam-se injustamente sobre Lutero. A intenção do reformador, procurando reter o máximo possível do que era válido na liturgia romana, era, antes de tudo, dar um lugar à Ceia. E Calvino não cessava de insistir sobre a necessidade de um serviço de Ceia em cada culto dominical. E é justamente o que nos falta hoje: os Sacramentos todos os domingos. Dever-se-ía fazer assim: no começo do culto, batizar em presença da congregação, e no fim do serviço, a Ceia; no meio, entre os dois Sacramentos, a pregação, que teria assim sua plena significação. Seria então *recte administrare sacramentum et pure docere evangeliuim*. Sempre que não se tenha compreendido verdadeiramente o culto evangélico, em sua

totalidade, faltar-nos-á eficiência a nossos esforços teológicos e a nossos movimentos litúrgicos. É somente onde se tem um culto corretamente, com pregação e Sacramento, que a liturgia tem seu direito, porque é somente assim que ela pode cumprir seu ofício, que é de conduzir ao Sacramento. Não se pode separar a administração do Sacramento, do anúncio do Evangelho, porque a Igreja é uma grandeza física e histórica, porque ela é um corpo visível e real e, ao mesmo tempo em que é o corpo invisível e misterioso de Cristo, porque ela é os dois, ao mesmo tempo.

Seríamos, por certo, melhores protestantes, se nos deixássemos instruir neste ponto pelo catolicismo romano. Não negligenciar a pregação, como ele faz freqüentemente, mas restituir o lugar legítimo do Sacramento. Pode-se perguntar se a razão última de nossos esforços litúrgicos não é outra coisa, que um desejo de se encaminhar na direção dos "belos serviços" da Igreja de Roma. O que nós temos de procurar não é um enriquecimento litúrgico daquele tipo, mas somente a verdadeira significação do Sacramento na Igreja. Seria um bom protestantismo o que deixasse que se fizesse aquilo e que, ao mesmo tempo, se esforçasse por ter uma boa pregação.

Na pregação não deve ser problema nada além da reafirmação do que concerne á Revelação, evento anterior. E se nós desejamos distinguir os dois eventos aos quais ela se refere diremos que há, de um lado o Sacramento, e do outro a Escritura Sagrada. O sacramento remete ao fato da Revelação, o qual Deus realizou. As Escrituras Sagradas remetem à qualidade da Revelação. É ocioso opor Sacramento à pregação. Eles não podem ser separados, pois são dois aspectos de uma mesma coisa.

A Revelação, ação divina, tem lugar no seio da vida humana e da história humana. Todavia a Igreja não pode transmiti-la de um modo imediato. Para que este evento seja sempre atual e verdadeiro, ela tem necessidade das Escrituras Sagradas, que são o testemunho dos intermediários desta Revelação. Estes intermediários são os apóstolos e os profetas. A Igreja repousa sobre o fundamento de testemunhas que foram chamadas, de uma maneira particular, a serem seus apóstolos. Desde que se dá testemunho da Revelação – isto é, desde que se lê e se explica a Escritura – a Igreja deve compreender que ela não vive por si mesma, que esta vida não é sua própria vida, uma vida que ela tiraria de seu próprio interior, mas que ela está fundamentada sobre a única e exclusiva ação de Deus realizada em Israel e em Cristo (estes dois centros da Revelação: um povo e um Salvador). De um lado, o povo errante que, em sua

incapacidade de cumprir a Lei, cai freqüentemente no pecado e que, contudo, não é abandonado por Deus; de outro lado, a super abundância da graça, o Salvador do povo, o cumprimento da Lei e daí, o Evangelho.

Vemos bem que a Revelação não pode ser concebida como um princípio de caráter geral que regeria a relação entre Deus e o mundo. É, ao contrário, em evento que não teve lugar senão uma vez. Por esta razão, as Escrituras têm um caráter concreto, elas não são um sistema de pensamento. O fato de que se limite estritamente às Escrituras é o sinal do caráter único – único no tempo e único no modo – da Revelação.

A Igreja não representa a humanidade em geral na sua relação com Deus, ela é a humanidade reunida por obra da Revelação. É por isso que ela está fundada sobre a Escritura. Se a Igreja é constituída pelo testemunho dos apóstolos, intermediários da Revelação, qual é neste contexto, o papel da pregação? – Ela tem unicamente que explicar este testemunho.

Isso nos leva a considerar a pregação partindo de um texto. Ela não pode ser senão exclusivamente bíblica, e relaciona-se ao mesmo tempo ao Sacramento e a Palavra dos apóstolos e profetas. Não podemos dar razões a esta preferência da qual a Bíblia é o objeto, nem dizer porque escolhemos esta literatura. Nós partimos deste fato: a Igreja é o lugar onde a Bíblia é aberta. Foi aí que Deus falou e fala. Aí Ele nos dá uma missão, uma ordem. É fundamentando-nos sobre a Bíblia que ousamos fazer o que deve ser feito. Esses escritos que estão diante de nós são anteriores ao nosso testemunho, e a pregação deve levar em conta o que foi dado anteriormente. Em relação à Bíblia, podemos emancipar-nos tão pouco quanto uma criança em relação a seu pai. Concluindo este capítulo, diremos que o caráter eclesiástico da pregação está garantido desde que esta seja inspirada pelo Sacramento e pela conformidade à Escritura.

Fidelidade Doutrinária da Pregação

Até aqui mostramos que a pregação está submetida a uma ordem. Ela é missão e mandamento. Por causa disso, ela tem também um caráter doutrinal.

Desde que se propõe a educar homens, pode-se sonhar em seguir um plano e fixar um objetivo. Seria assim para o pregador se a Igreja desse

por tarefa educar a humanidade, formar verdadeiros homens. Mas se se sabe qual é a função própria da Igreja não pode ser assim. A Igreja não é uma instituição destinada a manter o mundo no caminho certo, ela não é uma instituição a serviço do progresso do mundo. A Igreja, com sua pregação, não é uma ambulância sobre os campos de batalha da vida. Por outro lado, ela não deve tentar instaurar uma comunidade ideal, seja de almas, de corações ou de espíritos. Todas essas coisas têm valor certamente, e deve-se preocupar com elas. E elas podem entrar acessoriamente na pregação. Aliás tudo isso desempenha aí forçosamente um papel, como na vida normal. O pregador, como todos os cristãos, vive no mundo, e não pode se subtrair a essas coisas. Mas, a partir do momento em que a pregação toma isto por fim, ela não tem mais razão de ser. Hoje isto é mais e mais compreendido quando todas as forças civilizadoras foram açambarcadas por outras organizações que não a Igreja. Supondo-se que a Igreja desaparecesse um dia – este era, por exemplo, um ponto de vista de Richard Rothe, que preconizava a fusão progressiva da Igreja no Estado – os jornais, o rádio, as obras sociais, a psicologia, a política, seriam suficientes para se preocupar com a vida da alma, com a família. Se se trata de moralidade pública ou de tarefa deste gênero, as crianças deste mundo sabem mais que a Igreja, e dispõem de meios superiores. Neste caso, a Igreja não é senão a quinta roda do carro... e talvez nem mesmo uma sobressalente. É preciso então refletir seriamente sobre a missão destinada à Igreja. É preciso que os homens obedeçam a uma ordem que lhes foi imposta de fora, a uma necessidade anterior a tudo o que constitui nossa experiência, como o nascimento ou a morte. A Igreja não pode fazer outra coisa senão reconhecer simplesmente isto: foi dada uma ordem que deve ser cumprida. A existência da Igreja se justifica somente se ela compreende que está fundada sobre um apelo. Ela não tem um plano – este plano pertence a Deus – mas uma tarefa a desempenhar. A pregação, no desenrolar do culto, deveria ser o anúncio de sua obediência a esta tarefa que lhe foi confiada por Cristo.

De tudo isto resultam as seguintes considerações:

1) A pregação deve submeter-se à fidelidade doutrinária. Trata-se da Confissão de Fé que não é um resumo de idéias religiosas tiradas de nosso próprio íntimo, mas o que cremos e professamos, o que recebemos e cremos porque entendemos a Revelação. A Confissão é uma resposta do homem ao que foi dito por Deus. E cada pregação é uma resposta pela qual se é responsável.

O que se passa então não tem nada a ver com um plano ou uma idéia que se tenha forjado no espírito. Aqui obedece-se, o que significa dizer: eu entendi a Palavra de Deus, e respondo de conformidade com a Confissão de Fé. Não se trata naturalmente de pregar confissões de fé, mas de ter por fim e limite de sua mensagem a Confissão de sua Igreja, de se colocar onde se localiza a Igreja.

2) Há uma segunda conseqüência prática: o elemento edificação. Que se deve edificar? – Evidentemente a própria Igreja. Todavia edificar a Igreja não deve ser compreendido no sentido do "Pastor de Hermas", onde isto significa: "continuar a construir", "edificar sobre o edifício em vias de construção". Edificar a Igreja é reconstruir do começo ao fim, cada vez. A Igreja deve constituir-se sem cessar; deve aceitar sem cessar a ordem que nos é dada; reaprender a obediência. "Pela obediência para a obediência", tal é a marcha do cristão. A Igreja é uma comunidade colocada sob a Revelação e edificada pelo ouvir da Palavra de Deus. A edificação se realiza pela graça de Deus, em face da vida. Nesse quadro, então sim, mas somente então, pode-se falar da educação de homens, de ajuda moral e espiritual à humanidade. Há o lugar para construções secundárias à sombra do edifício principal. "Buscai primeiramente o reino de Deus e a Sua justiça", "uma só coisa é necessária"

Fidelidade Apostólica da Pregação

No seio da Igreja encarregada de anunciar a boa nova, o indivíduo sai da massa para dar testemunho, à frente da comunidade, da redenção e da salvação do homem realizada em Cristo. Com a questão de fidelidade doutrinária, da qual nós acabamos de falar, coloca-se o problema da legitimidade desse ato individual. Salvo o cargo de apóstolo, a função de pregador não é particularmente enfatizada no Novo Testamento. Das indicações que nos são dadas sobre aqueles que foram chamados para essa tarefa pelos apóstolos e reconhecidos pela comunidade não podemos tirar qualquer doutrina relativa à função.

Naquilo que concerne à função apostólica, isso permanece ligado à fundação e existência da Igreja. Em Mateus 16.18-19 (conforme Mateus 18.15-20), vê-se que a Igreja é instituída por uma ordem determinada: Pedro é representante dos apóstolos e a comunidade é distinguida do

apostolado. Se, todavia , consideramos a Igreja tal qual ela existe, a partir do período apostólico, veremos que a *ecclesia una sancta* é enquanto una, ao mesmo tempo *ecclesia doceis* e *ecclesia audiens*. Onde está a Igreja, sempre existe esta situação. Não há repetição daquilo que se achava na origem, porque a instituição do apostolado não teve lugar mais que uma vez. Em seguida aos apóstolos, os homens chamados para esta missão deviam continuar a fazer a mesma coisa. E, na medida em que a Igreja é o Corpo de Cristo, o pregador é, de certa forma, *successor apostolorum, vicarius Christi*. A *predicatio verbi divini* e a Igreja são um apenas, um porque a "Palavra de Deus não pode existir sem o povo de Deus" (Lutero).

Em seguida aos apóstolos, o pregador, como um ministro de segunda categoria, realiza numa determinada comunidade aquilo que os apóstolos fizeram por toda a Igreja. Em relação a esta investidura feita pelo próprio Deus como *vicarius Christi*, a questão do homem investido neste cargo é secundária. A verdadeira questão é a de saber se a Igreja é verdadeiramente a Igreja de Jesus Cristo, isto é, se desde que alguém anuncia a Palavra e o homem escute – se a Palavra de Deus é entendida e recebida pela ação do Espírito Santo. "*Hoc Evangelium ubi unque sincere predicatur, ibi est regnum Christi. Ubi que verbum est, ibi est Espiritus Sanctus, sive in auditore, sive in doctore*. (Lutero, W. A. XXV, p.97).

Todos os critérios de um ministério autêntico que poderíamos indicar in concreto, são relativos. Eles não podem ser mais que critérios humanos. Retenhamos pelo menos quatro deles dos quais pode-se fazer depender, do ponto de vista humano, a legitimidade da função:

1) O pregador deve-se sentir interiormente chamado. Ele deve conhecer a necessidade de sua vocação, e aí ceder de todo seu coração. Portanto, o "eu não posso fazer de outra maneira" é envolvido por todos os tipos de questões. Esta, por exemplo: a exigência interior pretendida não seria talvez a satisfação de um desejo próprio? Observemos que o apelo interior que nós cremos reconhecer não é decisivo que venha de nosso saber quer de nosso sentimento mas apenas daquela voz imperativa que é de Deus.

2) Os textos relativos aos presbíteros e diáconos nas Epístolas pastorais (I Timóteo 3.1-7, 8.13; II Timóteo 4.1; 5.9), contêm catálogos helênicos de virtudes, ordens concernentes àquele que assume a função de pregador. "Homem irrepreensível", ele não deve comprometer essa função por um gênero de vida que vá de encontro à moral e aos costumes

vigentes. Por uma participação afastando-se muito do normal e revelando muito contingências humanas, muito humanas deste mundo. Não deve atrair sobre sua pessoa de um modo inútil a atenção, para que, por isso, o interesse não seja afastado do Evangelho. Estas recomendações éticas têm evidentemente por objetivo lembrar que o servo da Palavra assume o seu cargo diante de Deus. Todavia, se se compreender que estas ordens são decorrentes da Lei de Deus, o homem deve reconhecer que está constantemente em falta. Se ele pode manter-se diante de Deus, é unicamente porque é justificado em Cristo, por meio da fé.

3) Por outro lado, sempre nas Pastorais, requer-se do pregador, que ele tenha competência (I Timóteo 3.2, II Timóteo 2.24). Segundo o costume da Igreja, compreendemos por aí a cultura científica dos teólogos. O pregador não tem o direito de se remeter preguiçosamente ao Espírito Santo as tarefas de seu cargo. Com toda a modéstia e seriedade, ele deve trabalhar, lutar, para apresentar corretamente a Palavra sabendo perfeitamente que o *recte docere* não pode ser realizado, senão só pelo Espírito Santo. É por isso que a Igreja, se ela tem consciência de suas responsabilidades, não pode tolerar que qualquer pessoa tenha o direito de anunciar a Palavra sem cultura teológica. Entretanto, não nos esqueçamos que a verdadeira pregação nos é ensinada pelo Espírito Santo, sendo a Ele submetida a cultura teológica.

4) Como já assinalamos, o pregador tem uma posição diferente da dos apóstolos: é pela vontade da comunidade que ele está colocado onde está. A função que ele ocupa, pertence à *Ecclesia*. Ela vem da comunidade e é exercida na comunidade. Entretanto, o fato de ser chamado por uma comunidade, não impede que ele deva ser chamado por Deus.

Ressaltamos quatro critérios que caracterizam o chamado de Deus. Mas não nos pertence fixar os limites deste chamado. É Deus que fundamenta a Igreja, é Ele que institui o ministério e designa aquele que deve exercê-lo. Ele age assim onde e quando Ele deseja, mas o fato é que esse homem deve sempre responder aos quatros critérios que decorrem deste chamado de Deus, o qual permanece para ele como a questão primordial. É esse chamado que dá todo o peso a estes critérios humanos. Ele lhe dá seu peso, mas ao mesmo tempo enfatiza sua relatividade. Sobre esta última questão, não há que discutir, nós não podemos senão escutar e lhe seguir indo à frente, assumindo o ministério com as exigências que ele comporta. E que assim, por nossa ação obediente, se tornem visíveis a Revelação e a Igreja encarregada de anunciar a Palavra.

Desde que cumpra seu ministério neste clima o homem não procura a satisfação de interesse individual, de seus pendores, de suas convicções e de sua vontade próprios. Mas, embora há sempre alguma coisa disto é preciso que, em sua ação apreça esta realidade: Deus falou, Ele fala. Sempre que se cumpre esta subordinação da vontade e da ação humana à vontade de Deus há pregação cristã legítima.

Fidelidade apostólica da pregação! A firme esperança do ouvinte é entender alguma coisa da grande obra a serviço da qual se encontra o pregador que ele escuta, este homem que não é senão um homem, por sua natureza e condições próprias. Ora, o ato que ele realiza é sempre problemático e mesmo, num certo sentido, impossível. Mas há o fato: aprouve a Deus intervir no plano humano por meio de um homem, malgrado as enfermidades ligadas à natureza humana. A "fidelidade apostólica da pregação", significa para o pregador que ele tem consciência das enfermidades inerentes à sua ação. Mas ele não se deixa paralisar pela sua fraqueza; ele se apóia sobre esta realidade: Deus revelou-se. Ele sabe que é a vontade divina que se fez conhecer e que age no plano humano . Cobrirá sua fraqueza e sua miséria, que ela conferirá, a sua ação uma qualidade que ele não pode dar. Vivendo do perdão de Deus, ele cumprirá sua tarefa, simplesmente na obediência, sem se deixar atemorizar, porque ele sabe que Deus a ordenou. É preciso sublinhar ainda que esta fidelidade apostólica da pregação não pode ser caracterizada por um critério único do ponto de vista psicológico, não mais no pregador do que no ouvinte. A simplicidade ou a objetividade poderiam ser indício, ou ainda ser consideradas como critério válidos. A única que importa, é fazer entender a Palavra de Deus. E nós não podemos saber o que se passa neste momento, porque o efeito que produz esta Palavra depende de Deus. É por isso que remetendo-se a Ele, nós cremos Nele, no que Ele faz.

Nós ressaltamos mais acima que a Igreja deve ser sempre fundada de novo, ela é criada sem cessar pelo anúncio e pelo ouvir da Palavra. Assim a Igreja instituição é a expectativa da Igreja, ela avança sobre o caminho no qual se produz o evento que cria a Igreja.

É preciso ver as coisas na mesma perspectiva do homem desligado do conjunto da comunidade para aí exercer um ministério particular. Este ato recebe sua eficácia da vocação endereçada por Deus. Por esta razão a ordenação não é um ato de jurisdição eclesiástica, mas uma referência ao chamado divino. É preciso, naturalmente, que o que é ordenado receba a

Palavra de Deus que se exprime na ordenação, Palavra que ele deve receber sempre de novo em seu ministério.

A nomeação não é uma questão relevante da teologia mas o *usus* eclesiástico. Não é preciso dizer que através dessa vocação, no sentido restrito, deveria haver sempre a plena vocação de Deus.

Assim, para o que se relaciona com a direção e com a ordem da Igreja, deve-se levar em conta os quatro critérios de que falamos. Se alguém atribui uma função sem preencher estes critérios, é uma pretensão que a Igreja não deve tolerar. Todavia, o lado da *vocatio ordinária*, há sempre a possibilidade de uma *vocatio extraordinária*. Deus não é constrangido pela ordem da Igreja. Ele pode, fora da organização eclesiástica, julgar interessante chamar um homem para pregar Sua Palavra. Mas então a vocação de um tal homem deverá ser examinada e apreciada pela Igreja quanto a sua fidelidade escriturística.

Passando em revista os elementos constitutivos da pregação, ajuntamos um termo empregado anteriormente para defini-la. Dissemos que ela é "uma tentativa, a qual a Igreja recebeu ordem de fazer". A problemática sugerida pela palavra "tentativa" nos leva a examinar o caráter provisório da pregação.

O caráter Provisório da Pregação

A palavra "provisório" (*vorläufig*) tem aqui um sentido mais amplo que o costumeiro. Quer dizer também "o que ainda não alcançou o seu fim". Por caráter "provisório", ou de "anterioridade" queremos dizer que a pregação precede alguma coisa da qual ela é sinal anunciador. Ela é como o arauto (*vorläufer*) que precederia (*vorauslaufen*) um Rei.

Nós tocamos aqui o lugar de passagem da justificação à santificação. Porque a pregação é uma ação humana, isto é, eivada de pecado, mas ela é também ordenada e bendita de Deus, isto é, acompanhada de uma promessa. Nesta parte de nosso estudo encararemos a pregação voltada para a ética, para a Lei, o que nos conduz aos conceitos dogmáticos de justificação e santificação.

Ver a pregação sob o ângulo de uma ação é, ao mesmo tempo, ver o homem incapaz e indigno de Deus. E esta ação tem, portanto, uma grande

significação (não em si mesma, certamente, porque seu desempenho pelo pregador não lhe confere qualquer qualificação). Mas essa qualificação encontra sua origem nos conceitos de "Revelação", "Igreja", "Fidelidade Doutrinária", "Fidelidade Apostólica", descritas anteriormente, o que significa que o pregador é reenviado a Cristo pelo fato de seu ato ser cumprido sendo ele pecador; e ele é justificado por Cristo, o Senhor da Igreja. Ele, em primeiro lugar, está colocado diante da necessidade de viver, ele mesmo, deste ato de Deus que justifica, da fé que resume no "não temas, crê somente".

Não iremos imaginar entretanto, que há nisto uma transformação deste homem ou infusão de uma nova natureza vinda de um ser superior, e que o enriqueceria. De maneira alguma. A justificação é a luz da face de Deus sobre o homem que continua homem. Falar aqui de vida nova significa: encarar esta luz, existir. É a salvação (no sentido escatológico) que suprime a oposição entre o velho e o novo; a salvação compreendida como o cumprimento futuro do que nós temos e do que somos agora sob a promessa.

A pregação é uma tentativa realizada com nossos meios humanos de todos os pontos de vista insuficientes. Aqui o homem não se pode apoiar sobre o que quer que seja tirando de sua própria pessoa. Todavia, ao lado de Deus, que ressuscita os mortos e chama para a vida o que não é, essa tentativa é uma boa obra acompanhada de sua promessa e de sua benção. Sob a condição de que ela se faça, realmente por sua ordem.

Vejamos um outro aspecto da questão: como é possível que minha ação possa ser boa e santa? Aqui está um pecador perdoado, chamado a pregar a Palavra. Qual é a sua situação? Não se trata aqui de virtude mas de obediência em face da bondade de Deus. A pregação, ação humana santificada por Deus. A pregação, ação humana santificada por Deus, tem por fundamento uma pretensão (reivindicação) de Deus. O pregador participa da nova vida porque Deus deseja tomá-lo com ele; Ele o reclama para Si. Aquele que quisesse restringir no que quer que seja esta reivindicação provaria que não compreendeu o que se passa: um homem é interpelado por Deus e tornando-se prisioneiro, escuta Sua Palavra. Isto é a santificação do mensageiro de Jesus Cristo.

O pregador "como aliás todo cristão" não está só consigo mesmo. Embora seja, depois do apelo, como era antes, está colocado numa situação totalmente nova. Tudo o que poderia ser dito aqui sobre o poder

de renovação da Palavra de Deus é muito falho em comparação à inquietação e à paz que se apoderam de um homem chamado pelo apelo de Jesus Cristo. Desde que Deus se torna assim para o homem como não seriam novas todas as coisas?

Mas então o problema se coloca sobre a maneira pela qual eu vivo, sobre meu comportamento. Que se torna, em vida esta novidade, esta nova vida? – em todo o caso, minha vida não está mais abandonada à aventura; não sou eu mais quem comanda, quem é o Mestre? Eu sou um servo que tem um Senhor. Eu não vou mais pela vida como um inconsciente exposto a todos os perigos, eu sou chamado a caminhar na obediência às ordens de meu Senhor.

Enfatizando o caráter provisório estamos aqui no centro de todo o problema da pregação. A igreja é a serva de Jesus Cristo sobre a terra. A situação que nos é dada é descrita num fragmento central da Bíblia que interessa de modo particular ao pregador: o Salmo 119. Em 176 versículos o mesma tema é exposto em todos os seus aspectos: um homem é interpelado, justificado e alegrado pelo fato de que há uma ordem, uma lei, um caminho.

O "provisório" de que falamos se torna precisamente lugar de trabalho e de lutar. Como fazer? Tentaremos responder agora a esta questão.

O Caráter Bíblico da Pregação

Isto quer dizer que a pregação é explicação da Escritura. Que se deve expor nesse discurso humano? Uma vez que a razão de ser da pregação é mostrar a justificação operada por Deus não pode ser preocupação do pregador desenvolver um sistema pessoal, o que ele pensa de sua vida e da do seu próximo, da sociedade, do mundo. Se ele vive da justificação, ele não pode se prender a ideologias humanas. Os homens não vivem do valor imanente das coisas. Se nós perguntamos porque somos justificados, somos sempre remetidos aos quatro critérios das Escrituras Sagradas que testemunham a Revelação, fundam a Igreja, transmitem a missão (o poder de testemunhar) e suscitam a vocação. Não há então nada a dizer além do que diz a Escritura. Sem dúvida que o pregador terá a experiência da carga que ele traz sobre si, com suas idéias

pessoais. Trata-se contudo, de saber, afinal de contas, se ele se prestará a um compromisso; ou se, malgrado suas idéias próprias, ele aceita a exigência de explicar este Livro, e nada mais.

Para não nos perdermos em considerações gerais, analisaremos, em cinco pontos, o comportamento e os caracteres próprios do pregador cristão:

1) Em primeiro lugar, confiar simplesmente na Escritura. Se o pregador se limita ao texto e dá à sua exposição a forma de uma explicação, isto é suficiente. Se ele pensa que para a vida prática é preciso ainda acrescentar alguma coisa, que a Bíblia não diz tudo que é preciso para viver, então esta confiança se desfaz.

2) Explicar significa respeitá-la no sentido de *respicere*, (ter consideração por uma coisa da qual se espera socorro). Todo discurso deve originar-se deste *respicere*. O pregador está ocupado por algo além de si mesmo. Ele não tem que pensar a não ser nisso. Poder-se-ia compará-lo a um homem que lê alguma coisa com dificuldade, e que se surpreende com as descobertas que faz. Ele move os lábios, soletra mais que lê, é todo olhos, é tocado por uma impressão profunda: "Isto não vem de homens".

3) A atenção específica é indispensável. Quem deseja pregar deve estudar com muita atenção o seu texto. Ao invés de atenção poder-se-ia dizer melhor "zelo", isto é, esforço para descobrir o que está dito neste texto que está sob seus olhos. Para isto um trabalho exegético, científico é necessário; estudo preciso de caráter histórico e filosófico. Porque a Bíblia é também um documento histórico, ela nasceu em meio à vida dos homens.

Do começo ao fim, a Bíblia diz sempre uma mesma coisa, uma coisa única, ela o faz porém, constantemente, de outra maneira. Variedade da Escritura tem também esta conseqüência, que cada texto em cada época fala ao homem da maneira que é necessária para ele. É por isso que não há somente o trabalho do filólogo, mas é preciso procurar também no texto da Palavra de Deus para a comunidade.

Uma pregação não é boa se constata que o trabalho não foi feito com seriedade. Também o respeito, um *respicere* sempre renovado é indispensável. Trata-se aqui de lutar contra a preguiça intelectual do pastor muito ocupado e exteriormente ativo. É no púlpito, domingo, que aparece a negligência, porque no momento todo o zelo que se desenvolva

é impotente para suplementar a indolência. Por causa disso, a comunidade deveria deixar ao pastor mais tempo para a preparação. Pois para pregá-lo convenientemente é preciso muito. Por outro lado, a Igreja deveria vigiar, no sentido de que só as pregações preparadas com seriedade sejam transmitidas de um púlpito.

4) O dever de modéstia. Uma resposta é dada ao homem na Escritura, de contentar-se, ele não tem que se colocar adiante com suas disposições mais ou menos boas. Se o pregador presta atenção, ele recebe sempre uma resposta da Escritura, seu próprio pensamento é contrariado, ele é remetido a seus limites. O pastor está colocado diante dos profetas e dos apóstolos, ele deve então recuar com seus pontos de vista e sua espiritualidade.

Por mais despertado que esteja nosso espírito, temos a tendência de retomar os caminhos batidos. É por isso que, mesmo depois do estudo mais sugestivo e malgrado o que se pode imaginar, não se sabe ainda o que se tem a dizer. Estamos totalmente preparados para a situação na qual a Palavra de Deus deverá ser dita. Na verdade, nesta situações somos já um homem suprido, e contudo, isto não está ainda cumprido. Pode-se falar por exemplo, da alta consciência, do poder da língua e do pensamento que se encontra na Bíblia e de outras coisas mais. Mas isso ainda não é o Evangelho, porque este não está nem em nossos pensamentos nem em nossos corações, mas nas Escrituras. Os hábitos mais favoritos, as melhores intenções, tudo deve ser renunciado para que se possa escutar. Não é preciso que por causa dela sejam repelidas as coisas que brotam da Bíblia. Sempre de novo eu devo deixar-me contradizer, devo tornar-me disponível, e deixar de lado aquilo que pode ser um obstáculo.

Este conselho de modéstia me fará passar com prudência, por exemplo, sobre os sermões de Lutero. Essa qualidade não foi sempre a sua força. Ele creu, depois de sua grande descoberta, dever repetir a coisa "única" que o animava. Páginas inteiras na Bíblia, por exemplo, as concernentes à Lei e ao galardão – ele as negligenciou porque estava, de certa forma, fascinado pelo que lhe havia sido revelado, a justificação pela fé. É preciso deixar o texto corrigir o que se tem na cabeça, não dar o passo daquele que, antecipadamente, já sabe a verdade. Eis aí a modéstia!

5) A mobilidade – O pregador deve se apoiar no movimento da Palavra de Deus. Não é suficiente dizer ou ter lido em algum lugar que a

Bíblia é a Palavra de Deus para saber o que ela deseja dizer. Na realidade ela não o é no mesmo sentido em que se diz, por exemplo, que o Código Civil contém o pensamento do Estado. Para compreender o que se passa na realidade, seria melhor dizer que a Bíblia torna-se Palavra de Deus. E desde que ela se torna para nós, ela o é.

O pregador é chamado a viver uma aventura com a Bíblia, há um intercâmbio contínuo entre ele e a Palavra de Deus. Quando falamos em mobilidade, queremos dizer, ser dócil a esse movimento da Palavra, deixar-se levar através das Escrituras.

O cânon é para nós uma garantia, mas isto significa simplesmente que a igreja compreendeu esses escritos como o lugar onde ela deve entender a Palavra de Deus. Enfim, no que concerne à doutrina da inspiração, não é suficiente crer, mas é preciso perguntar: Estou eu atento? Será que Deus me vai falar nesta Escritura? Essa esfera deve ser ativa, dar-se à Escritura, procurar, a fim de que ela nos mostre.

Os cinco pontos que acabamos de ver e que caracterizam a "biblicidade" da pregação não constituem uma simples abordagem teológica, à qual podemos nos acomodar ou não. Não há escolha. Isto não deve ser compreendido senão como uma disciplina à qual se submete. Não se pode subtrair sem renunciar simultaneamente sua função.

E agora resta-nos voltar a atenção para três conseqüências que se tornam fatais se as exigências precedentes não são levadas a sério:

a) o pregador não deve "*jouer au calotin*" (*Pfaffe*), ensoberbecer-se pela consciência de sua missão, por sua função, sua teologia, ou crer-se cheio do Espírito Santo para representar diante do mundo os interesses do Bom Deus. Contra esta miséria não há senão a seiva que deriva da "biblicidade", a verdadeira compreensão da Escritura. Onde reina soberanamente a Santa Escritura, a erva dos *calotins* não pode ser colocada? O pregador não pode fixar-se em uma segurança falaz e cultivar a auto satisfação.

b) o pregador não deve ser um iluminado voando num mundo irreal, com boas intenções, sem dúvida, e grandes idéias em mente. Uma pregação fiel não é iluminista porque a Santa Escritura foi pronunciada em um bem real. Poderá algumas vezes sentir-se isolado e solitário, mas não se permitirá ir aos sonhos ou às exaltações.

c) o pregador não deve ser enfadonho. Pasto e aborrecimento de longa data tornaram-se sinônimos. Os ouvintes crêem que sabem, depois

de algum tempo, o que se diz do alto do púlpito. A falha não é apenas deles. Aí também a Escritura anunciada em sua autenticidade é o único remédio. Se a pregação é fiel a Bíblia, então ela não pode ser fastidiosa. A Escritura é, na realidade, tão interessante, e ela tem a nos dizer tantas coisas novas e apropriadas para nos abalar, que os ouvintes não podem em verdade, ser levados a dormir!

Neste capítulo é preciso ainda responder a uma questão: Como tratar um texto do Antigo Testamento? O Velho Testamento não nos interessa senão através do seus "*vis-á-vis*", o Novo Testamento. Se a Igreja é apresentada como sucedendo a sinagoga, isso significa que o Velho Testamento é testemunha de Cristo antes de Cristo (mas não sem Cristo). O Velho Testamento e Novo Testamento relacionam-se entre si (a profecia tem cumprimento). É neste contexto que é preciso ver sempre o Velho Testamento.

A exegese histórica não deve ser negligenciada mas sempre será necessário perguntar: Esta interpretação histórica explica o liame que une os dois testamentos? Mesmo numa pregação sobre Juizes 6.36, será possível limitar-se ao sentido literal, e contudo dirigir flechas para Jesus Cristo. O Velho Testamento é um livro inteiramente judeu, não é menos uma referência a Jesus Cristo.

No que concerne à legitimidade da alegoria é também a relação entre o Velho Testamento e o Novo Testamento que nos guiará. Para não ceder à tentação de dar à passagem sentido que ela não tem, limitemo-nos ao que está dito nesse lugar, não nos esquecendo de que a Igreja adotou o Velho Testamento por causa de Jesus Cristo. Da mesma forma, deve-se evitar opor exegese histórica e exegese cristã. O Velho Testamento olha para frente, o Novo Testamento fala do futuro para trás e todos os dois olham para Cristo.

Originalidade da Pregação

No início desse estudo, nas definições fundamentais, afirmamos: "trata-se para um homem anunciar a seus contemporâneos o que ele tem a entender sobre o próprio Deus explicando, em um discurso onde o pregador se exprime livremente, um texto bíblico que lhes concerne pessoal". Por estas palavras. "em um discurso em que o pregador se

exprime livremente", desejamos falar sobre a originalidade da pregação. O pregador, criatura pecadora é chamada a explicar fielmente um texto. Todavia, esta fidelidade não é um anteparo atrás do qual ele desaparece. Suas palavras não exprimem idéias prontas que ele teria ingurgitado, mais ou menos como uma "*gratia infusa*". Este homem que fala é um homem em carne e osso, com sua personalidade, sua história, sua situação. Um homem que Deus resolveu tomar onde ele está, numa situação concreta.

O pastor não deve agir como Lutero, Calvino ou como um profeta, ou qualquer coisa semelhante. Que ele seja ele mesmo quando explica o texto. A pregação é a palavra de um homem de hoje, cuja responsabilidade ele assume. Uma vez que eu entendi a Palavra, sou chamado a repetir alhures o que entendi. O importante é ser o que se é, sobretudo quando se desempenha a incumbência apostólica. Não é necessário dar-se um papel, vestir-se de um modo espetacular, cobrir-se ridiculamente de ornamentos. Uma missão te é confiada, não como pastor ou teólogo, ou como um homem beneficiando-se de privilégios particulares, mas como servo. Cumpre-a, então, com simplicidade e naturalidade.

O que dissemos necessita, contudo, de um reparo. A palavra "originalidade" é perigosa e equívoca. Ela não se aplica a alguém que se imaginasse ter adquirido, como conseqüência de uma experiência religiosa qualquer, uma certa independência com relação a Deus. Trata-se de um homem que vive todos os dias o perdão de seus pecados, e que o sabe. Não se trata, portanto de uma "atitude existencial" porque o fantasma do "existencial", é simplesmente o velho Satã, que sob uma nova máscara, se dissimula no ser humano.

Agora, algumas conclusões práticas sobre este capítulo:

a) Desde que o pregador se preparou seriamente ele se apresenta diante da comunidade:

— Como um homem que foi atingido, ele mesmo em primeiro lugar, pela Palavra de Deus, e que foi levado ao arrependimento diante do julgamento de Deus.

— Como um homem que, com reconhecimento, entendeu também o Evangelho do perdão, e que pode regozijar-se.

É somente neste movimento, passando pelo julgamento e pela graça, que a pregação se torna verdadeiramente original.

b) Em seguida, é necessário a coragem de dizer aos outros o que isto significa para mim. Exegese e meditação tornam-se o meu testemunho endereçado a outros. Agora, sou chamado a contar aquilo de que eu vivo. Eu o faço no quadro de uma "biblicidade" autêntica, mas não se trata aqui de uma exposição de exegese. Minha primeira frase já deve ser uma interpelação, um discurso ao homem, permanecendo no centro de meu texto.

c) Que minha pregação seja pessoal. Acontece freqüentemente que o pregador se inspira em um modelo. Que ele seja então, ele mesmo, quando está no púlpito! É ele que foi chamado, é ele que deve falar. As melhores coisas, por pouco que elas sejam emprestadas e transportadas na boca de um outro, não são mais o que elas eram. Nada de comédia com um *habitus* emprestado em alguma parte.

Fala a tua língua a ti, sê natural. Não uses no púlpito a vestimenta de um dialeto de Canaã. Mesmo a linguagem tirada da Bíblia ou de compilações de cânticos, como também os efeitos de voz retumbantes na peroração, não são úteis para a missão que desempenhas.

d) Sejamos simples. Nós desejamos, nós estamos engajados numa história, seguir o caminho que a Bíblia percorre conosco. Façamos ver as coisas como elas são, como elas se desenrolam na vida. Isto nos preserva de ostentação doutrinária que não diz muita coisa. A verdade cristã permanece sempre nova quando ela é recolocado na vida de todos os dias.

A Pregação deve ser Adaptada à Comunidade

Como pregador sou chamado a conduzir a Deus estas pessoas que estão diante de mim. Deus deseja que eu pregue a esses homens. Ora, eu não posso dirigir-me a ele senão como a homens que já foram objetos da ação de Deus. Por eles Cristo morreu e ressuscitou. É o que eu tenho a lhes dizer. Vós sois objetos de uma misericórdia. Isto é verdade para vós hoje como no primeiro dia.

Eis aí do que se trata quando falamos de "adaptação à comunidade. Resultam as seguintes qualidade:

1) O pregador ama sua comunidade. Ele deve formar corpo com ela. Ele vive pensando isto: "eu estou ligado a estas pessoas e eu desejaria

partilhar com elas o que eu recebi de Deus". Falar com a mais bela linguagem, mesmo com a dos anjos, de nada valeria se este amor fosse desfeito.

2) Porque ele a ama, o pregador vive a vida de sua comunidade. Ele se coloca em seu nível. Ele não deve ser o sábio do povo, o adivinho da cidade que expõe em público o que as pessoas têm em seu coração. Mas ele tem sempre esta pergunta presente em seu espírito: Onde eles estão?

3) A pregação não é simplesmente uma explicação da vida, mais clara, mais completa que a que se daria alhures. Existe aí algo que é preciso considerar, mas que se situa num plano posterior. A comunidade espera que o curso da vida seja esclarecido por Deus e não que constitua grandes temas de discursadores. Sem dúvida, o pregador deve dar atenção a tudo, e ninguém o ultrapassará quando se trata de participar com o coração. Todavia o que caracterizará sua fidelidade será sua maneira de participar da vida.

4) O "tato" é indispensável. Saber o que se deve ousar dizer a cada indivíduo da comunidade. Freqüentemente pensamos que alguma coisa deve ser dita, e nos apoiamos mesmo sobre a Bíblia para fazê-lo. Ora, na realidade, isto não é senão uma questão de orgulho. Segue-se uma deterioração das relações de confiança e um amargor inútil.

A propósito do tato lembremos ainda que a crítica bíblica do púlpito deve também ser-lhe subordinada. Que ela seja praticada somente num espírito de serviço e de respeito. Não tenhamos um falso ideal de verdade.

5) É aqui que o "conhecimento do momento presente" – segundo a expressão de Tillich – tem sua importância em seu lugar próprio. Que exige de nós a situação na qual nos achamos, minha comunidade e eu? Vivemos em conjunto uma história? Minha comunidade me diz o que ela tem no coração? Para isto minha pregação deve encontrar uma resposta. Se compreendemos bem esta situação evitaremos prolongar temas que, depois de algum tempo, perderam toda a importância.

Estas considerações a respeito de uma "pregação adaptada à comunidade" são suficientes para nos fazer compreender que não se trata de "servir uma clientela". Nem de ser tirano, ou um brutamontes, ou ainda um solitário divorciado de sua comunidade.

Inspiração da Pregação

A pregação é a "própria Palavra de Deus", isto é, através dela é Deus quem fala. Se não fosse assim nós poderíamos conformar-nos com tudo o que foi dito aqui e seríamos servos inúteis. O serviço da Palavra depende do que Deus deseja fazer. Daí resulta:

— Que nós devemos permanecer humildes.

— Que, por causa de nosso papel de intermediário humano seremos discretos, sóbrios.

— Que não devendo a pregação em definitivo se ocupar senão de Deus, não se pode pregar sem orar, a fim de que as palavras que se pronunciam se tornem apelos de Deus. Além disso a comunidade inteira deve juntar-se a esta oração.

Chegamos aqui à fronteira onde se esgota o que podem dizer os homens, o lugar onde o próprio Espírito deve interceder por nós com gemidos inexprimíveis.

III – PREPARAÇÃO DA PREGAÇÃO

Acontece de o pastor crer-se obrigado a dizer em sua próxima pregação, tudo o que ele pode tirar de suas profundezas íntimas. Ou então ele está embaraçado porque não sabe bem qual mensagem particular é preciso apresentar. Nem uma nem outra destas situações deve ser levada a sério. Tudo o que ele deve dizer ser-lhe-á dado, é preciso que ele o saiba. Que ele refreie então um pouco o que lhe vai no espírito, e que ele escute. Ou então que ele se deixe consolar por Aquele que dá o que ele pede. Não temos nós o Velho Testamento e o Novo Testamento? Há então alguma coisa a dizer?

Escolha do Texto

As Escrituras estão diante de nós. Há duas coisas a considerar: o que se deve fazer, e o que não temos o direito de fazer. Cada vez que

escolhemos um texto, estamos diante da decisão: obedecer ou desobedecer à Palavra, o próprio Deus. Nós desobedecemos quando imaginamos poder colocar-nos diante da Escritura com nossa liberdade própria e nosso poder autônomo. Se nós nos colocamos verdadeiramente à disposição de Deus, a obediência será para nós um guia em nossa escolha.

Não deve ser questão de colocar a mão arbitrariamente sobre a Escritura, e procurar aí um texto que nos seja cômodo, que parece convir ao que gostaríamos de dizer. O texto não poder tratado de acordo com os nossos desejos. É ele que comanda, e não nós. Ele está acima de nós e nós estamos ali para servi-lo. Para evitar que nos desencaminhemos, tanto quanto possível retenhamos as seguintes anotações:

1) Não escolher um texto muito curto. Se não se toma cuidado, o perigo assinalado seria maior que com um "*perícope*". Por exemplo, não destacar a primeira bem-aventurança. Ou então I João 4.16 que pode tentar-nos a utilizá-lo a serviço de nossa própria eloqüência, em lugar de nos deixar conduzir pelo que se disse. Acrescentemos contudo, que se a pregação é essencialmente explicação bíblica, ela desviará o perigo dos textos curtos.

2) Tomemos cuidado com os textos que passam por fáceis e que são freqüentemente citados. Assim, na comemoração da Reforma, não desvirtuar arbitrariamente o sentido de Gálatas 5.1, e no dia de Finados não dar a João 11.3 e 16 um outro sentido que o imposto pelo contexto. O poder luminoso de uma palavra bíblica permanecerá sempre maior no contexto desejado por Deus, que nos discursos que podem ser belos e interessantes, mas que fazem violência à Palavra de Deus.

3) Nada de alegoria. Não exercitar nossos talentos sobre a Palavra. Impede-se assim que ela ecoe claramente. Tomar cuidado também para não deixar falar nossa individualidade nem nos estendermos sobre nossa situação pessoal, por exemplo, nas imagens, parábolas, ou histórias já ultrapassadas.

4) A pregação não deve ser um discurso utilitário. Não servir-se do Salmo 96 para aconselhar a melhora do canto ou tirar uma propaganda para a música.

5) Para evitar a volta freqüente às mesmas passagens, poder-se-ia ter uma lista baseada no ano eclesiástico ou então fazer uma série de pregações sobre um mesmo livro. Pode resultar de contatos repetidos com

a Escritura que algumas passagens se imponham ao pregador como um mandamento, porque é lógico que o pastor consulte a sua Bíblia em outras ocasiões que a da pregação.

6) Não se pode fazer ao mesmo tempo uma pregação sobre um assunto (pregação temática) e sobre um texto (homilia) . No quadro da Igreja não temos que expor princípios cristãos ou outros assuntos deste gênero. O que temos que entender é o que Deus diz à Igreja, o que constitui fundamento e educação. Se desejamos ganhar pessoas ainda estranhas à Igreja (quer se trate de evangelização ou missão) então comecemos por não fugir ao serviço que nos é entregue.

7) Evitar dar ênfase especial às comemorações ou eventos particulares. O que fosse útil assinalar à comunidade poderia encontrar eco na pregação, mas poderia também passar em branco. Isso não dependerá da vontade própria do pregador, mas da exigência que a Palavra de Deus lhe impõe. A escritura deve ter um lugar claro no espírito do pregador. Para isso, deve submeter-se a uma rigorosa disciplina. Não entendamos senão o que diz a Palavra, não o que o grande púbico, a pequena comunidade ou nosso coração desejariam entender.

A preparação propriamente dita:

a) A função receptiva

O termo "receptivo" é aqui o oposto do "espontâneo". Poder-se-ia dizer assim: passivo ou objetivo em oposição a ativo ou subjetivo. Mas, de qualquer maneira, esses dois últimos termos devem ser empregados com reserva. Trata-se de escutar o que está dito no texto. Comecemos pela simples leitura, meditando palavra por palavra. É aí que está a matéria da nossa pregação. Ler o texto, mas no original. Toda tradução é uma fonte secundária e representa já um verdadeiro comentário.

Quando abrimos nossa Bíblia, é o sério problema da língua que nos é colocado. Não falaremos de uma qualidade particular que faria do hebraico e do grego as línguas do Espírito Santo. Não há nenhuma razão para procurar nessas línguas uma capacidade especial, que as tornaria instrumento da Palavra de Deus. Muito menos que a Revelação foi produzida por essas línguas. Temos então que trabalhar sobre esses documentos. Escutando uma pregação, pode-se descobrir se ela está

sendo feita de acordo com o original. No original descobrir-se-ão relações invisíveis na tradução.

A seguir, podemos recorrer às diversas versões. Recomenda-se ao pregador que não leia do púlpito sua própria tradução, mas as correções e nuances ele poderá indicar no decorrer do sermão.

Depois da leitura cuidadosa do texto vem o problema do conteúdo. Inicialmente convém dar ao contexto todo o seu valor. Um texto bíblico não é um recorte: ele está situado num lugar determinado e faz parte de um corpo. A maioria das pregações teria um caráter diferente se se levasse a sério o que precede e o que sucede o texto.

Agora começa a análise. Nota-se um certo número de pontos, a finalidade do trecho, suas diferentes partes, a ordem da idéias, é preciso também notar a linha que segue o desenvolvimento do texto. Somente então se poderão consultar comentários. O comentário distingue-se da tradução pelo fato de as diferentes partes do texto serem uma a uma submetidas a um estudo. Na escolha dos comentários encontram-se de um modo geral, dois tipos absolutamente diferentes: os que datam do fim do século 18 até nossos dias e os que são anteriores.

Os primeiros representam a pesquisa histórico-crítica. Temos o dever de lê-los. Há aí um meio de compreender melhor a Escritura que os antigos não souberam sempre ver, as situações em que a Bíblia se apresenta sob o aspecto histórico e terrestre tem também alguma coisa a dizer-nos. Naturalmente este método apresenta algumas dificuldades das quais os antigos não se aperceberam. De qualquer maneira, ela tomou com o tempo uma importância hipertrofiada; chega-se a identificar pura e simplesmente o sentido real da Escritura com o sentido histórico. Estamos aqui em presença de uma verdadeiro dogma antes de tudo extra-eclesiástico e pagão, e no qual, em definitivo não se reconhece senão o homem, tudo o que constitui o mundo do homem e aí compreende a religião. Evidentemente não se poderia partir de um tal dogma para compor uma pregação. Se o dogma fosse válido, o liame canônico que nos liga à Bíblia não teria mais sentido, porque através da Bíblia há toda uma literatura sobre aquele aspecto das coisas. Ora, a Escritura Santa é o testemunho exclusivo da Revelação de Deus, o único meio de transmissão da Palavra de Deus.

Não é menos verdade que devemos tomar conhecimento dos comentários resultantes das pesquisas históricas. Se, nos tempos

modernos, a atenção está voltada particularmente para o aspecto humano da Bíblia, isso não é motivo para se ignorar aquele aspecto. Porque não o esquecemos, a Revelação é a Palavra encarnada, e por isso mesmo ela se tornou um evento histórico.

Mas então, em que medida esta palavra humana é testemunha da Palavra de Deus? Em que medida este texto nos diz alguma coisa que, para além do humano, nos reenvia aos "Emanuel"? Nenhum problema crítico nos isenta de levantar esse problema e de o levar a sério. A Palavra fez-se carne, sim, mas ela é a Palavra, este é o dogma cristológico da Bíblia. Nela vemos homens constrangidos e subjugados por uma verdade que veio sobre eles. Eles falam da Revelação da qual foram testemunhas e encaram a Revelação que vem. Há aí alguma coisa que os comentários modernos não nos dizem nem podem dizer-nos. É preciso recorrer aos antigos (diante dos quais, todavia, os modernos parecem inferiores por suas variações), aos trabalhos exegéticos de Calvino e Lutero, e – com cuidado, por causa das influências platônicas – aos de Santo Agostinho. Pode-se ler também as coleções de sermões. Os de Calvino, por exemplo, são excelentes explicações da Escritura.

Notemos, terminando este capítulo, alguns pontos essencialmente práticos:

Se ocorrer, excepcionalmente, que falte tempo para uma preparação tão completa?... É preciso recorrer pelo menos ao texto original e a uma boa versão. Este é um caso extremo, por certo. Para nós que, em face da Igreja romana temos verdadeiro tesouro, a Palavra, a preparação do sermão deve ser para o pastor o dever primordial.

Se uma pregação tem tendência a deixar-se levar para um biblicismo pessoal, a necessidade do comentário se impõe. Advertências salutares contra semelhante fato se encontram aliás, na própria Escritura.

Que atitude adotar em face a um texto inautêntico?... Na Igreja, eu sou chamado a entender a Palavra de Deus. Daí o julgamento do historiador não poder inutilizar um texto.

b) A função espontânea

Há aqui dois elementos a considerar: o curso do testemunho no texto e a atualização do texto. Examinemos estes dois pontos:

Uma vez cumprido o trabalho a que acabamos de nos referir, somos colocados diante do fato de que a Bíblia é, ao mesmo tempo, um livro histórico e o livro da Igreja.

Como livro histórico ela é um monumento (*monumentum*: o que lembra alguma coisa do passado) que nos faz conhecer um pedaço da história da piedade humana. É precisamente o que os comentadores modernos têm enfatizado. Mas, há algo mais no livro. Para o pregador – como para todo homem que lê a Bíblia como ela deve ser compreendida – este livro é, certamente um "monumento" reportando-se ao passado, mas é também um "documento" que tem um sentido para hoje. Este livro nos fala de uma decisão que se sobressaiu no passado, decisão que se aplica ainda a nós hoje. É por isso que nós ainda hoje laboramos nele.

A Bíblia é o único documento da Revelação, mas um documento suficiente. É por isso que nós a chamamos Escritura Santa, a Palavra de Deus que vem até nós. Se se compreende que este livro é realmente o testemunho da Palavra de Deus, parece inútil falar do assunto e do tema do sermão, não há um assunto, senão um tema: A Revelação de Deus, Jesus Cristo.

Entretanto, o que figura no texto bíblico – lembramo-nos – não é a Revelação propriamente dita, mas o testemunho da Revelação. E mais, este testemunho é expressão humana; ele nos é dado pelos profetas e apóstolos que não falam de seu próprio entendimento, mas que foram constrangidos (como disse Paulo), que não poderiam fazer de outra forma (como dizem os profetas).

Eles testemunharam tão bem quanto puderam, e sentindo sua responsabilidade diante dos homens a quem falava. João 1.7-8, por exemplo, mostra-nos claramente o que é testemunho. João Batista não é a Luz mas ele é a testemunha: "Eis aqui o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo".

A tarefa do pregador consiste em fazer entender esse testemunho dado pelo texto. Uma pregação é boa quando ela é a restituição, no tempo presente, desse testemunho dos profetas e apóstolos. Não se trata de fazer uma exposição de verdades conhecidas, excelência da fé, Deus e Pátria ou de outros assuntos deste gênero, mas de remeter à verdade divina, freqüentemente desconhecida pelo homens, e de fazê-lo na esperança e em oração. Na pregação é preciso ter constantemente este pensamento; a verdade que está atrás do texto da Bíblia é desconhecida dos homens. Ela

deve manifestar-se, deve ser absolutamente conhecida. Mas o pregador não deve atormentar-se. Que ele se esforce somente por dizer em continuação aos profetas e apóstolos – o melhor que ele possa – o que estes entenderam.

É preciso fazer aqui três observações sobre o encaminhamento do texto:

1) Mostramos que a Bíblia é ao mesmo tempo monumento e documento. Todavia, se trata de restituir o documento, nem sempre é necessário restituir o monumento. O que é histórico não deve desempenhar um papel senão na medida em que isto faz parte do documento. Na pregação trata-se de seguir o caminho do texto, e isto em relação com o nosso tempo. O texto nos dá a direção do caminho, mas nós percorremos este caminho no tempo de hoje.

2) Cuidemos de não cair sempre no mesmo esquema, repetindo em cada pregação, por exemplo. "o homem é pecador mas Cristo intervém, é preciso que o homem melhore". A Escritura é muito rica e os caminhos que ela apresenta são infinitamente variáveis. Se se leva em conta essa observação haverá dominicalmente algo novo a dizer, e isso será um sinal do grande começo, hoje novo, que nós empreendemos com Deus, pois é Ele que desejou começar conosco.

3) É preciso ainda uma vez denunciar o perigo de um biblicismo arbitrário e muito original. O meio de nos preservarmos é manter um contato estreito e constante com a história dos dogmas e a dogmática da Igreja. Os dogmas são como balizas, postes indicadores que marcam a boa direção. Não é preciso fazer uma exposição de dogmas e despertar sua consciência teológica mas deixar-se guiar por eles.

Tomemos agora três esquemas de sermões para ilustrar o que dissemos até aqui: eis o Salmo 121:

1. Elevo os meus olhos para os montes, de onde me virá o socorro?

2. O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra.

3. Ele não permitirá que os teus pés vacilem, não dormitará aquele que te guarda.

4. É certo que não dormita nem dorme o guarda de Israel.

5. O Senhor é quem te guarda; O Senhor é a tua sombra à tua direita.

6. Não te molestará o sol de dia nem de noite a lua.

7. O Senhor te guardará de todo o mal, guardará a tua alma.

8. O Senhor guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre.

Este salmo comporta quatro partes:

a) Versos 1 e 2 – trata-se aqui de um canto de peregrinos que fala da segurança que Deus traz ao homem frágil e desamparado. Este homem sabe que há uma ajuda para ele, mais ainda, ele sabe de onde vem essa ajuda. Ele dirige seu olhar nessa direção, isto é, para Jerusalém, onde reside o Senhor Deus, o Todo Poderoso, o Criador do céu e da terra. É de lá que vem o socorro. Assim existe um lugar, para nós também, de onde podemos esperar uma libertação.

b) Versos 3 e 4 – esta atitude nós a temos porque Deus – nosso socorro – é ativo, Ele age, jamais ele adormece, jamais permanece inacessível ao homem que tem necessidade Dele. Ele não está ausente levando uma existência passiva em esferas longínquas e fora de todo o contato com este mundo. Pelo contrário, o Senhor está presente em uma proximidade imediata e nós podemos encontrá-lo sempre.

c) Versos 5 e 6 – Deus nos guarda precisamente quando é maior o perigo, quando ele ameaça tragar-nos. O elemento histórico não desempenha aqui papel algum. As intempéries locais, provocadas pelo sol ou pela lua, são absolutamente secundárias e sem importância para nossa interpretação.

d) Versos 7 e 8 – a comunidade do Velho Testamento tinha o costume de orar por cada um de seus membros e ela achava sua força e consolação nesta intercessão de uns pelos outros. Sabemos nós também, hoje, que alguém ora por nós, mas de uma maneira muito mais eficaz que no caso anterior, o próprio Cristo intervém diante de Deus, Todo Poderoso. Sua oração é nossa esperança e força.

Uma pregação sobre o Salmo 121 poderia seguir este esquema, não é questão aqui de um tema particular.

Vejamos o segundo exemplo: João 13.33-35:

33. "Filhinhos ainda por um pouco estou convosco, buscar-me-eis e o que eu disse aos judeus, também agora vos digo a vós outros, para onde eu vou, vós não podeis ir..."

34. "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros..."

35. "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amos uns aos outros..."

Estes três versos são bem apropriados para um sermão por ocasião da Paixão. Eles estão, naturalmente, em relação íntima com o que precede. O v. 30 marca a abertura da última fase da paixão do Filho do Homem. A encarnação de Deus se realiza neste momento, nesta noite. Uma derradeira suprema glorificação Lhe é assegurada em seu próprio rebaixamento. Verso 31 ao mesmo tempo Ele é glorificado em sua ascensão que se aproxima. O passo que Jesus está para dar na direção do mais sombrio sofrimento anuncia já sua transfiguração, sua passagem para a glória.

No verso 33 intervém um elemento novo "Filhinhos... eu vos digo a vós também..." essas palavras se dirigem inicialmente ao pequeno número de discípulos presentes, mas este grupo já se estende a todo o mundo crente. O conjunto da comunidade dos crentes existe nesses apóstolo. Jesus lhes comunica seus últimos pensamentos. Eles devem saber e compreender que não poderão seguir a Cristo neste caminho. Nem o mundo nem a Igreja serão capazes de imitar o que só Cristo foi encarregado de realizar. Ele é o único a poder seguir o caminho traçado pelo Pai, e Ele o seguirá pelo mundo.

Mas no verso 34 aparece, de uma maneira surpreendente um novo mandamento. Esta ordem não fala de imitação, ela exige o amor mútuo. Esta obediência responde a uma ordem muito direta, "Amai-vos uns aos outros..." porque o amor se transformou na nova natureza dos que viram a Jesus. Ora, o mundo deve entender a Palavra de Jesus por intermédio da Igreja, dos seus membros. E isto se realizará somente "...se vos amardes uns aos outros...". não foi dito que o mundo inteiro será ganho por esta palavra de Jesus, mas que o comportamento com os discípulos mostrará se eles estão com Jesus. Este comportamento é a característica da Igreja no meio do mundo.

Este esboço não pretender ser senão uma proposição, para ajudar a discernir a linha deste texto – não é um modelo. Nossa tarefa consiste em traduzir para a nossa linguagem e para as pessoas de hoje o que se encontra no texto. Ora, estes versos contém uma riqueza inesgotável.

Um último exemplo: Efésios 2.1-10:

1-2 – "Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência..."

3 – "... entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais..."

4 – "... mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou..."

5 – "... estando nós mortos nos nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, pela graça sois salvos..."

6 – "... e justamente com Ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus..."

7 – "... para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da Sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus..."

8 – "... porque pela graça sois salvos, mediante a fé, isso não vem de vós é dom de Deus..."

9 – "... não de obras, para que ninguém se glorie..."

10 – "... pois somos feitura Dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas..."

Esta passagem coloca, de uma maneira aguda, o problema da pregação sobre o pecado. Ela estabelece inicialmente que todos os ouvintes dos apóstolos tinham sido homens pertencentes a este mundo e, consequentemente, afundados no pecado, vivendo neste estado como seres independentes (sem Deus) e revoltados. Essa situação era fatalmente estranha à vida verdadeira. Os homens estavam mortos no verdadeiro sentido da palavra, sob a ira de Deus. No verso 3, que ressalta a realidade concreta e terrível do pecado, uma transposição prodigiosa aparece, ao "vós" sucede bruscamente um "nós", pelo qual Paulo se declara perdido no pecado, ele como os outros.

Todavia, aqui aprendemos uma coisa maravilhosa, a totalidade do pecado é transferida para o passado. Esse fato não implica de maneira

alguma num enfraquecimento da consciência do pecado, pelo contrário, esta rejeição evidencia seu caráter abominável. A horrenda realidade e a atualidade permanente do pecado continuam apesar desta rejeição em um tempo que se encontra atrás de nós. Este pecado está lá, em todos os tempo, mas ele está repelido, vencido. Ele está privado de seu poder de dominação e de destruição.

Os versos 4 a 7 apontam o vencedor de tudo o que traz a marca do pecado. A boa nova ecoa, todos vós que estais mortos sob o jugo do pecado, estais ressuscitados em Cristo. Esta ressurreição dos mortos é a obra de Deus, Dele só – obra realizada em Cristo e em Sua ascensão. A luta contra o pecado ficou para trás, a batalha esta ganha, embora ainda não terminada. A vitória é certa. É desta maneira que Paulo combate o mal. Nada traça de moral, de planos de batalha, de preceitos éticos, mas somente voltar-se para Aquele que despojou de uma vez por todas o pecado de seu poder. Esta referência a Cristo será desenvolvida no verso 7. Paulo vê nos cristãos o objeto da bondade de Deus. Em Sua infinita riqueza Deus nos preparou uma herança incorruptível.

Os versículos 8 a 10 nos colocam no período que vai da ressurreição de Cristo à Sua volta. O que somos neste tempo intermediário, nós não o somos por nós mesmo. Não temos nenhuma razão nem qualquer direito de glorificar-nos. Não são as nossas obras que fazem de nós o que nós somos. É a graça de Deus que nos salvou, por meio da fé, e esta fé também é dom de Deus. Assim, onde encontraríamos um motivo para nos prevalecer do que quer que seja? Por isso mesmo somos criados para boas obras, as quais devemos praticar. É importante ressaltar que Paulo evita aqui o imperativo, ele serve-se do indicativo. Ele deseja dissipar a dúvida sobre este ponto, tudo é obra de Deus, nada vem da iniciativa do homem.

Esta passagem é típica do testamento apostólico, que nunca expõe um tema particular, mas que se submete unicamente ao grande tema da Bíblia. Esta mensagem deve ser dada com clareza à comunidade cristã.

Falamos do caminho percorrido pelo testemunho dos autores bíblicos. Veremos agora como seguir o caminho no tempo que é o nosso. Esse tempo é aquele no qual vive a comunidade à qual devemos falar, e que deve sempre entender de novo a Palavra. Nós batizamos na Igreja, é preciso apela para a fé fundada sobre o batismo. E aqueles a quem nos dirigimos têm isto em comum, não há para eles nada mais certo que sua morte.

Mas se eu desejo dirigir-me a eles de modo a que eles compreendam é preciso que eu os conheça em sua individualidade própria, no que constitui sua vida, suas capacidades, sua boa ou má vontade, a fim de encontrar o meio de alcançá-los e de que a Palavra se torne inteligível para eles.

Que eu não me deixe embaraçar pela questão: pode um homem dirigir-se a um outro de tal modo que este escute com fé? É preciso portanto, que eu faça todo o possível para que a pregação não seja um monólogo magnífico talvez mas que poderia ser inútil para a comunidade.

O homem ao qual eu vou dirigir-me deve estar continuamente presente em meu espírito durante minha preparação, do conhecimento mais ou menos completo que eu tenha dele decorrerão idéias inesperadas e associações que me acompanharão de versículo em versículo. Estas idéias e associações constituem o elemento atualidade, e se os resultados de nossa exegese teológica representam um fundamento sólido, por outro lado o elemento de atualidade nos permitirá prosseguir na elaboração do nosso discurso cristão.

Gostaríamos de esclarecer o que dissemos acima desenvolvendo esta proposição: na pregação, o *explicatio* relaciona-se ao *applicatio* como sujeito ao predicado. O caminho percorrido por uma pregação tem lugar em e com a Igreja, tal como ela é no momento presente. A preocupação deve ser não do homem abstrato, mas o homem em carne e osso que está ali, hoje – que já faz parte da Igreja ou que está ainda fora. Quando falamos do homem do presente que está ali para escutar a Palavra, entendemos tanto o pregador quanto o ouvinte. A pregação não pode ser então um monólogo que o orador faria sobre si mesmo e seu próprio pecado, porque então não se poderia falar mais de Igreja, de *communio sanctorum*.

Mas há um outro perigo que é talvez mais temível ainda, porque se sucumbe a ele mais facilmente, o pregador não deve falar à comunidade colocando-se fora dela, esquecendo-se de se integrar ele mesmo. Ele deve saber qual é a sua situação, ele é portador de uma função sem dúvida, mas de uma função que é dada à Igreja, e não à sua pessoa. Que ele não se imagine estar colocado mito alto com sua teologia, para se abaixar de lá para o pobre povo. Ele deve saber que ele necessita, ele também, entender sempre de novo a Palavra. O conhecimento desta situação será a condição determinante de um sadio *applicatio*, que será sempre ao mesmo tempo *explicatio*.

Quando, em nossa preparação, procuramos seguir fielmente o caminho do texto, deparamo-nos, a propósito do *applicatio*, com uma série de dificuldade, sermos fiéis simultaneamente ao texto e a vida moderna. Infeliz do pastor que não descobrisse a atualidade da Palavra para os homens de hoje, mas por outro lado, mais infeliz ainda seria o pastor que visse o que a Palavra bíblica diz ao homem de hoje mas que tem modo de fazer escândalo, e que por isso se tornar um desertor.

A Palavra deve ser confrontada com o homem presente, deve confundi-lo, atacá-lo, a fim de conduzi-lo desta forma à paz de Deus. Não é preciso deformar esta Palavra ou contorná-la pela preguiça ou pela desobediência. É por isso que o pregador deve possuir coragem para pregar como se deve, uma coragem que não teme este ataque direto, que está acima das conseqüências que possam resultar de sua obediência ao texto. Se se tem esta coragem então é a Palavra de toda Sagrada Escritura que se encarrega da responsabilidade.

Manter-se próximo da vida e do texto. Essa dificuldade para a qual não se pode dar nenhuma receita, deve constituir para todos uma advertência. A pregação temática, na qual é tão fácil fazer de uma idéia adventícia o centro da pregação, está mais particularmente exposta a violentar o texto ao desejar aproximar-se da vida. Não relacionamentos muito facilmente os belos pensamentos que nosso eu amoroso tem si mesmo, com os pensamentos do texto, em geral menos confortáveis e prestando-se menos à moda do dia. É por isso que é necessário testar seriamente os materiais de atualidade que ocorrem ao nosso espírito e passá-los pelo crivo de nosso texto. Essa precaução poderá forçar-nos, talvez, a desprezar os mais belos pensamentos que nos tenham ocorrido, a sacrificá-los ao movimento do próprio texto. Não recebemos uma pregação que vai desenvolver-se talvez com partes quebradas, mas que não será nem frouxa nem inadequada. É então que surge a verdadeira coragem em face dos homens, e ao mesmo tempo a verdadeira humildade em face da Palavra. A verdadeira humildade que convém quando se trata com a Sagrada Escritura, que conduz a uma pregação abençoada.

Apliquemo-nos somente ao nosso texto. O verdadeiro exegeta descobrirá aí sempre novas profundezas e novos mistérios. Sua atitude será a de uma criança maravilhada num jardim encantado. Que ele não haja como advogado de Deus.

Fidelidade ao texto e fidelidade à vida. Será sempre melhor estar mais perto e com mais tempo junto a um texto que junto de um tema. Coragem e humildade, será necessário sempre muita coragem bem como muita humildade, e será necessário talvez acentuar ainda um pouco mais a humildade, para que o amor de Deus se cumpra no amor ao próximo.

c) Redação, Introdução, Unidade e Conclusão da Pregação

A redação deve seguir algumas regras. Em primeiro lugar, escrever sua pregação, isto é tão importante que é preciso justificá-lo. Sem dúvida, nós fazemos um discurso, mas quer nós tenhamos ou disposição para fazê-lo, o discurso não se pode atribuir preguiçosamente ao Espírito Santo ou a um outro espírito que inspiraria no momento exato que devêssemos falar o que tivéssemos a dizer. A pregação deve ser preparada ou redigida palavra por palavra. Se é verdade que devemos contas de toda a palavra vã, este é o caso. A pregação não é uma are pela qual uns poderiam improvisar, outros redigir por escrito. É o ato central do culto evangélico, em estreita ligação com o sacramento. Só uma pregação em que se possa justificar cada palavra é um ato sacrificial. A responsabilidade que envolve cada palavra faz parte da santificação do pastor. Esta regra serve para todos e não somente para os jovens. Muitos pastores adquiriram uma habilidade tal que crêem poder dispensar esta disciplina, e portanto, suas pregações não são discursos cristãos. Que a pregação não seja uma tagarelice deixando a impressão de que o pastor não está preparado.

Seria necessária uma introdução? – não, a menos que seja uma introdução bíblica. Qualquer outra forma deve ser evitada, e isto por diversas razões: destacamos duas:

1) Por que vamos à Igreja? – para entender a Palavra de Deus. Os diferentes atos do culto são já uma introdução à pregação, a qual é o ponto culminante. As palavras que a anunciam são já suficientes, qualquer introdução é tempo perdido – e sabe-se que uma pregação não deve ser muito longo. Pode que sejam muito curtas e procura-se então explicar que a brevidade é uma qualidade. Esse procedimento pode valer para qualquer outro discurso, mas não para a pregação, que deve dar lugar à Palavra de Deus, esta é que regula o tempo. É claro que duração não é um sinal de fidelidade. Contudo não se pode esquecer que nossa exposição entra num culto prestado a Deus, e que este culto é a parte mais importante de nosso domingo. Quando se glorifica a Deus, não se faz de relógio na mão.

2) O mais freqüente é que a introdução não introduz, mas distrai o pensamento da Palavra de Deus. Os homens vêm à Igreja com toda espécie de coisas na cabeça e o pregador então toma a palavra para falar outra coisa diferente daquela que é o verdadeiro assunto de seu discurso. A finalidade está prejudicada de início. Porque são justamente os dez primeiros minutos que têm uma importância capital, eles anunciam o que será a pregação.

Quando se faz uma introdução, como isso ocorre?

a) um ponto de partida muito usado consiste em falar do tempo em que se vive em face do qual o pastor toma posição de uma maneira favorável ou negativa. Mas isto são coisas que o auditório conhece talvez melhor que o orador, e que não tem nada a ver com a pregação.

b) Ou então começa-se com a citação de um grande homem. Mas que significa o nome deste homem depois da leitura bíblica e da oração? Assim não se faz outra coisa senão dirigir a reflexão dos ouvintes para uma outra direção. A Palavra bíblica não deve ser acreditada pela de um homem, por mais bela que ela seja. Isto é indigno.

c) Esta introdução é muitas vezes negativa. O procedimento é mau. Uma exposição sobre o pecado e sobre os erros do mundo não é uma boa maneira de abrir um sermão. Ela oferece talvez um horizonte imenso, mas não é legitimo abeberar, no início, uma comunidade cristã ou em vias de tornar-se cristã com tal profusão de caráter. Na mesma ordem de idéia, há o esquema que consiste em vituperar o velho Adão que subsiste no homem para lhe opor um "mas" de Deus. Se se começa falando da corrupção humana, expõe-se ao perigo da pregação temática, e a Palavra bíblica fica então para o segundo plano.

Outro caso é servir-se, a guisa de abertura, de um fragmento de teologia bíblica, ou de introdução ao Velho ou ao Novo Testamento. Isso não tem lugar numa pregação como parte autônoma, mas pode encontrar-se no decorrer da exposição do texto.

Tenta-se às vezes justificar a introdução por uma razão teológica. Parte-se da idéia de que há no homem um pólo de atração da Palavra de Deus, que espera esta Palavra. Isso seria válido para Adão no Paraíso! Um ponto de vista como este seria concebível nos quadros de uma teologia romana, nos sentidos da *gratia preveniens* ou da analogia *entis*. Mas se se compreende a Bíblia com os reformadores sabe-se que tais possibilidades

humanas não existem e a ligação entre o homem e Deus se faz do Alto, por um milagre de Deus. Por natureza, o homem não está disposto a entender a Palavra de Deus, nós somos filhos da ira (Efésios 2.3).

Dirigimo-nos aos homens baseados no fato de que eles são chamados para o Batismo em Cristo. A única coisa que eles possuem é a promessa. Mas então, por causa desta promessa, não devemos considerar a humanidade sobre o ângulo negativo, é aqui que João 3.16 tem sua plena significação. Cremos no milagre de Deus realizado entre nós, é este milagre que opera a ligação entre Deus e nós. Que um homem possa falar disto é uma coisa espantosa, mas este serviço deve ser realizado. Ele não deve procurar construir uma rampa de elevação, não se trata de buscar uma altura. A realidade, é que alguma coisa deve vir do Alto para nós, e isto ocorre somente se é a Bíblia que fala desde o começo.

A pregação não é composta de partes separadas e ordenadas arbitrariamente em relação ao texto. Ela é um todo. Se a compreendermos como um corpus, exclui-se naturalmente um arranjo premeditado. É lógico destacar partes na pregação temática, mas não é este o nosso processo. É um texto que nos conduz, não um tema, não se separará então Lei de Evangelho. Não se falará da fé do ponto de vista teórico e em seguida da vida prática. A unidade é dada pelo próprio texto, do qual é necessário seguir o ritmo próprio, sublinhando suas proporções. Conclui-se assim que é falho ir de versículo em versículo, pois também os versículos não têm todos a mesma qualidade e a ênfase do texto apresentam variações. De qualquer forma, é o conteúdo essencial que deve determinar o desenvolvimento. Tomemos por exemplo, João 1.43-52. Aqui a pregação deve girar em torno dos versículos 47-48. Cristo conhece o predestinado Natanael, tudo o mais é orientado para este, sempre.

Não se deve então procurar o que é preciso dizer em primeiro, segundo, terceiro lugares. Observemos o que é dito. O que é dito é uma única coisa: a Palavra de Deus. Esta Palavra não é o que nós podemos produzir por nossa engenhosidade. Nós podemos senão testemunhar.

A pregação não deve comportar conclusão obrigatória. É preciso contentar-se com o texto. Se fosse ainda necessário uma conclusão para resumir o todo a tarefa teria sido falha. Não podemos terminar pelo *applicatio*, porque a interpelação não virá nunca tão cedo. Evitemos citar versos de cânticos para terminar e introduzi-los arbitrariamente no corpo

da exposição. Uma tentação perigosa é concluir á guisa de exortação final, por um grande Aleluia. Isto pode ser o caso, mas não um método.

Enfim a palavra final: Amém, é, em nossa fraqueza, uma consolação. É porque nós cremos que a Palavra de Deus é a verdade, que nós somos tentados a dar testemunho. Esse Amém nos tranqüiliza e nos chama, confiantes ao trabalho da próxima pregação.

*** * * ***